

Poemas

Rodrigo Petronio

Rodrigo Petronio nasceu em 1975, em São Paulo. Atualmente desenvolve pós-graduação em Literatura Espanhola na Faculdade de Letras da USP sobre a obra de Luis de Góngora. É professor de Literatura Espanhola e Hispano-Americana no Centro Universitário de Santo André (UniA) e professor/coordenador, junto com a poeta Dora Ferreira da Silva, do Centro de Estudos Cavalo Azul, onde ocorrem cursos de história da arte e filosofia. Trabalha com tradução e edição de livros e trabalhou com leitura crítica de informações para o jornal *Folha de S. Paulo*. Colabora com regularidade para diversos veículos da imprensa e recebeu prêmios nacionais e internacionais nas categorias poesia, prosa de ficção e ensaio. Tem ensaios, poemas e contos publicados em revistas brasileiras e estrangeiras. Participou de encontros de escritores e festivais de poesia em algumas instituições brasileiras e em alguns países do exterior, como Portugal e Espanha. É autor dos livros *História Natural* (2000), *Transversal do Tempo* (2002) e *Assinatura do Sol* (2005), publicado em Portugal. Prepara três livros novos, de poemas, ensaios e contos, sem data de publicação definida.

Rodrigo Petrônio wurde 1975 in São Paulo geboren. Er ist Schriftsteller und Dichter und studiert spanische Literatur an der USP, spezialisiert auf das Werk Luis de Góngoras. Er ist Lehrer für spanische und hispano-amerikanische Literatur am Santo André universitären Zentrum (UniA) und Übersetzer und Herausgeber. Er schreibt in verschiedenen Zeitungen, unter anderen, *Folha de São Paulo*. Er hat die folgenden Preise bekommen: 2000, *Nascente da USP Preis*; 2001 *Guimarães Rosa Preis* und *Jordão Emerenciano Preis*; 2002, *National Cataratas Preis*. Bücher: *História Natural (Naturgeschichte)* (2000), *Transversal do Tempo (Quer zur Zeit)* (2002) und *Assinatura do Sol (Unterschrift der Sonne)* (2005), das in Portugal veröffentlicht wurde.

NO SENTIDO DA TERRA

I

Se eu abro meu pulso para uma estrela e a chuva em coro vem arar meu dorso.
Se procedo líquido da boca da madeira e por ela canto o canto circular de um morto.

Se adentro sem pegadas o teu corpo de vidro e me comovo com a floração das teclas.

O pólen líquido fecunda a primavera. Anjo volátil. Rosto vascular talhado em pedra.

Ânfora sem coração que acolhe em si o que Deus recusa e a eternidade congela.
Falo do farol. Falo de um dardo de folha. Que desviando do alvo encontra a meta.
O rio regressa. A ave regressa. A musculatura lisa da lua trama flores convexas.
O campo revolve a ordem divina. Analfabeta. A ignorância nos protege de sua luz que cega.

Não sou o guardião dessa terra anônima. Apenas nomeio o que a mão não toca.
Encarno o que a lava não sonha. E cumpro as estações que nosso olhar nos veda.

II

O que eclode entre a voz da terra e os gravetos são asas.
Não a madrugada. O óleo que lubrifica o sono e inunda a sala.
O avião risca meu ouvido. Espanta carros e cabras.
Mais real que esta faca com que pico o vegetal flexível. Ainda vivo.
Uma estrela menor foi bebida pelo olho de fogo da mandrágora.
A rua pulsa seu ritmo cotidiano. Abro a janela que dá para a praia.
E não vejo o rosto do homem esculpido pelas formigas.
A fuligem dos dentes tritura o azulejo das casas.
A baía se embrenha no arquipélago das águas.
Ainda não é meio-dia. O pão não veio. O leite não veio.
Não veio a morte vergar seus braços de sangue em meu peito.
A estrela brilha. Há uma árvore enterrada em seu seio.
Um tapete de rios se trama em seu cheiro.
Troncos de cobalto percorrem o interior da mulher que dorme.
Veleiros estouram a placenta do mar. Ela olha.
Todo nascimento é obra de um deus que perdeu seu centro.
Compartilho o feno ancestral desta paisagem.
Transpiro o álcool antiqüíssimo de seus veios.
E quando atravesso o rosto de um diamante
Todo o mundo se recolhe ao seu diadema negro.

III

É no sentido da terra que temos que cavar um mundo novo.
Na fenda da artéria. No espaço. No ar. Abismo entre a veia e a vértebra. Entre o
sexo e o espelho.
No rio de sangue que corre lícido entre as pedras.
O sol do sono. Estômago entre ciprestes. A mandíbula das árvores.
Tritura feliz mais um enxame de séculos e insetos.
É no sentido do poço. No mergulho em um corpo sem verbo.
Abraço a sensação. Este copo. Este lago que levo aos lábios magnéticos.
As ruas se prolongam dos meus nervos. O campo desperta dos meus poros no
inverno.
Uno-me ao que toco. Ao que sinto. Ao que falo. A saliva animal é mais nobre que a
prece.
Não há conceito. Túmulo de ar. Toda a filosofia morre em quem a escreve.
Deuses precários. Palavras cultas que ocultam o retorno ao barro. Não explicam a
imundície.
Não explicam a bala que enfio na cabeça em homenagem aos vermes.
Tranço folhas na boca da fonte. Realizo o velho percurso dos homens sem nome.
A velha trajetória dos astros sobre a pele. Não a recuperação. Não a ressurreição.
Que mata mais do que transfigura. Que consome mais do que conserva.
Que duplica a carne. Prolifera a morte. Em série.
Mas o instante cristalino em fuga. Uma nova paisagem se desprende de minha
língua em delta.
No sentido da terra a salvação é leve. Não os dentes de fuligem.
Não a voz mouca da argila que range contra um muro de sebes. Não projeto um
mundo fora do mundo.
Apenas rumo para o deus viscoso. Ao vazio da lua sou enfim entregue.
Não o que está fora do tempo. A eternidade e sua engenharia de papel sem pele.
Não o espelho. A consciência. A merda abstrata que a mente segrega.
E não expele. Mas o primeiro silêncio. Inocência cega. Núpcia vegetal do que
somente adere.

III

Abro as folhas das mãos em leque. O dedo fende o mar que se ergue.
Algas além da praia. Corpo muscular da erva celeste que o vento demarca.
Canto a árvore imersa na sombra. E transpiro suas aves em uma revoada de
hélices.
Tenho pena das flores que rebentam suas estrelas. Campos de vitiligo. O disco da
noite doura a omoplata dos bichos.

Não renego o que a primavera quis em seu sono nem o que a alma dormindo persegue.

Todo conceito se quebra. Membrana de um palácio liso. Narinas de neve sorvem as anêmonas de teu vestido.

Mas não. A glória não vale um único instante vivo. Toda a miséria é memória.

Do que não pode mais ser temido ou adiado ou delido. Resta essa fresta. O oco entre uma palavra e outra.

O hiato entre o mundo e a boca.

A mão simples. Leque de células que levo aos lábios. A ostra que sorvo ao ritmo das pétalas. Crustáceos de um poço.

É na luz mais tranqüila que os lampiões queimam a substância interna dos barcos.

O enxofre se desprende de meus cabelos. Cria nódoas na praia e sargaços. Olhos que eclodem.

Chapéus em uma esquina de flores. Homens trajando maio.

O rosto do mistério é pobre. Dentes pretos e brancos. Pingentes de zinco que a morte guarda em seus cofres.

Meus dedos tocam levemente o tecido das horas. As folhas são mãos. Outono que encarde no galho dos poros e não revigora.

Tanjo este pulso. A pedra das águas. O cone do mar. Rio sem curso. Curvatura lunar. Mais uma baía na pinça do ar.

Amanhã. Talvez serei sopro. Onda submersa na mecânica do todo.

Fibra vegetal. Sem estória. Tiro na noite de um rosto. Mergulho no ouro da argila que molda esta pátria.

Nunca renascerei. Além das cinzas. Costuro o horizonte. Crinas e patas borrifam sua tinta.

Dorso de linfa. O cavalo se despe de minha forma precária. Brota do fruto. Molda-me em magma.

Rasga sua pele. Depõe minha máscara. Irrigo os arbustos. O grão da fibra. O dique da estrela. A morte clara.

Seu infinito percurso. A ave suicida divide a praia. Suave crepúsculo de uma navalha.

SIM ESSE FAROL PODE SER UM PEIXE UMA NUVEM

Sim esse farol pode ser um peixe uma nuvem
Um dorso de pedra líquida atravessando a aurora em um risco
Pode ser de magma ou doce como uma dama-da-noite que expira
Sim uma constelação de escamas que esmaltam meu corpo
Em chamas meu tórax de outras eras cravado no chão
O diamante de carne ou o fogo inextinguível da lepra
A alma desperta lúcida em seu sono de ervas
O lambari imerso no azul infinito de um olho sim
A mão precária de uma hera acaricia o globo
O sol brilha na torre de meu pescoço sim brilha
A circulação da linfa pelo espaço das hemácias
Que acendem correm no sangue negro de um touro
Sim essa lua pode ser os cornos de um deus
Um sol cada um dos seus poros o mel de flechas
Galhos tenros raios finos os cabelos de suas veias
Finas amarelas pode sim ser a cabeça de água branca
Essa lua estática desde a antiguidade solta
Um balão de porcelana molhada um quadril nu de orvalho
A areia de minha face que chora que capta cada gota
Como um sacrifício ou como o anoitecer de um milagre
Como um anátema uma chaga um dique que se escreve
Um escravo estoura a alquimia das fezes
Em meu peito em minhas costas em meu rosto
Amuleto de sombras sim de sombras líquidas e esquifes
Loiros odres seios de porcelana ou costas de cobre
Como uma dádiva sim a capilaridade quente das artérias
E todas as estrelas os alvéolos que pulsam explodem
Colisões infinitas infinitos pontos de um tecido morto
Sim esse seio pode ser a lembrança de um choro
Sim pode ser a azaléia que fende a pele de ouro
E renasce com todas as suas pétalas para a eternidade e o repouso
Pode sim ser esse quadrante essa mão esse líquen esse dorso
Imerso na terra nos dentes de luz na carne macia da luz
Que me coze ou na ossatura do destino ou na música de um cofre
Rio indevassável projeto entregue à lucidez fria do barro
Sim eu posso ser sim essa estátua esse verme de algas
Envolver teu corpo sim posso ser esse ranger de costelas
Que estalam sob a mão rosa de uma criança sob o peso

Da chuva de um homem sob o losango de um anjo sem alma
A ferida aberta do céu toldo azul deus sem matéria
A clarabóia de vogais sopradas pelas células
Todas as lâmpadas de um corpo um universo morto um paraíso morto
O apodrecimento do campo a barriga da selva a bulimia
A ordem geométrica arde sob os cílios vegetais do quartzo
O pulmão verde da terra nos cavalga como a eternidade
Cavalga o ouro com todas as suas setas desde o verão às trevas
Sim eu posso ser sim eu quero sim posso ser sim
Essa estria noturna essa via sim pode ser o caminho
A hora o momento a meta o percurso pode ser
O acidente preciso o acaso mais certo a colisão da alma com a bruma
A via-láctea sonhada da infância sim essa anêmona
Essa árvore branca de estrelas o esperma desse vegetal
Dessa vagina que agasalha o sol árvore que queima branca
Branca flora branca constelação de dentes no espaço grávido
Alfabeto de nomes solares branca fauna branca seta
Habita o músculo o pasto o poço inédito desse sorriso
O mergulho no primeiro ovo no primeiro mapa no primeiro
Farol sim pode ser esta a estrela da tarde luciferina estrela
Que se precipita do alto de uma torre de água sim posso ser sim
Posso sim ser o grande deus submerso na lava a flor convexa
Que sopra pela coluna pela flauta de minha alma de minha espinha
Que canta pela minha vértebra flauta flexível voz de cobre
Intestino da terra incêndio da garganta ave egressa do caos da cinza
Que canta e canta a consumação o fim o sentido a foz o sopro a sede
A terra se despe e bebe meu sangue para que todo universo enfim desperte

POR UM MOVIMENTO LIVRE

Um movimento livre. Um animal livre.
A mancha de um rosto destacado de um espaço puro.
A liberdade diária sem adubo.
A terra livre levada livremente às mandíbulas.
O contrato natural da mão com o astro.
A estrela pasce no campo nu de um rosto.
O braço das raízes que moldam o orvalho.
A nomenclatura solar dos insetos no pasto.
A consciência no corpo. A língua nas palavras.
Um fala livre que nos devolva ao todo.
Um vôo livre. Livres as asas de cobre das árvores.
O desenho de um deus esculpido pelas folhas do outono.
Uma ascensão livre sem trégua.
A liberdade de abismo que a laranja azul enceta.
Um dorso. Uma pálpebra. Um cílio de erva.
A corrente vegetal que une o cometa ao mar.
O percurso da alma que já nasce aberta.
Flor de cinco faces que ilumina a terra.
A liberdade do sangue livre e leve das pedras.
Rastro sem dono. Movimento sem fim.
A navalha da carne que nunca começa.
Lâmina langorosa do beijo que a desperta.
Transparência cavada na carne das muralhas.
Uma habitação livre. Gazela de líquen.
A felicidade de um corpo em queda.